

O ESPECTRO

NUMERO 44 — II ANNO 1889

SEMANARIO POLITICO

PREÇO 10 RÉIS

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

LISBOA

6 meses..... 260

PROVINCIAS

6 meses..... 320

PAGAMENTO ADIANTADO

ADMINISTRAÇÃO

T. da Agua de Flor, 20.

O escandalo dos 560 contos

Está plenamente confirmada a enorme traficança dos 560 contos, ultimamente reduzidos, segundo confissão do proprio governo, a 449 contos.

As provas são exuberantes.

E' tal porém o conceito em que a opinião publica tem a **quadrilha**, que basta *andar no ar* a suspeita de **nova ladroeira**, para todos dizerem á uma: é **negocio concluido**.

E estes *todos* não são sómente os adversarios do governo, nem a grandissima maioria do paiz que não faz politica; são os proprios progressistas sinceros, — que ainda os ha —, são os raros representantes d'aquellas tradições e sã moral que tanto exalçaram o caracter do velho partido historico.

São estes, uns com o seu silencio, outros de viva voz a quem os quer ouvir, que estigmatizam como uma vergonha «o que se está vendendo todos os dias, desde que a matulagem... invadiu o partido e se apossou dos logares eminentes, que d'antes só cabiam á honra, aos grandes serviços.»

Infelizmente para o paiz, não se trata só de uma suspeita, mas de um verdadeiro **saque nos cofres publicos**.

O governo não se atreveu a applicar ao Porto a theoria da **sangria** do sr. Eduardo d'Abreu; varia, applicando porém com mais segurança e proveito ao thesouro.

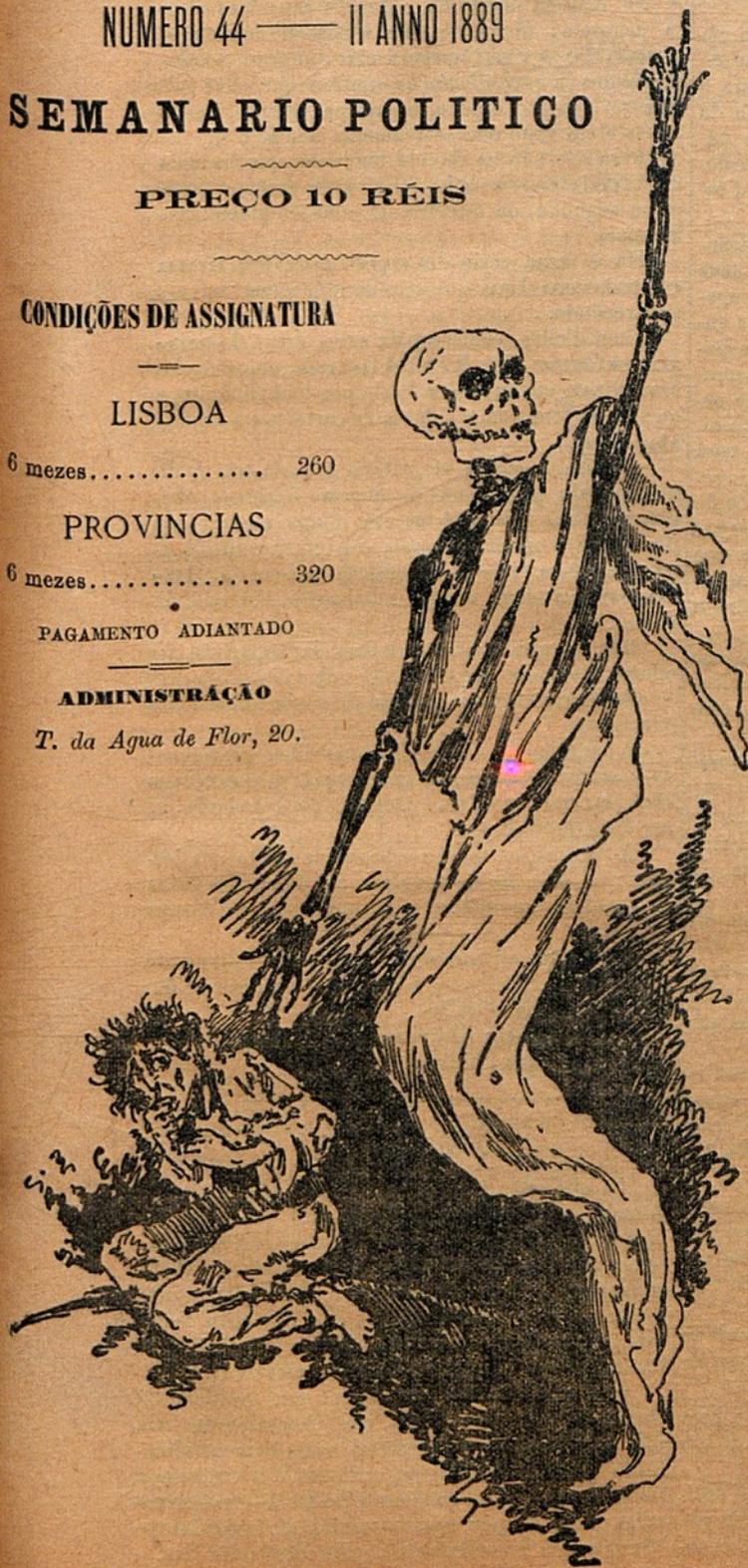
A luz que alumia esta nova proeza, surge de toda a parte, clara como o sol. Nunca se viu em Portugal nada mais **immundo**, nada mais **ascoroso**.

*
*
*

O governo confessa que deu os 449 contos sem auctorisação legal. Nada mais seria preciso para o metter na penitenciaria, se esta assustadora decadencia se não alastrasse a tudo; se as novas noções de moral e justiça não mandassem prender o desgraçado que furta um pão para matar a fome, e applaudir o **malandrim que rouba centenas de contos** para ostentar riquezas e confundir os homens honrados.

As argucias e subtilezas a que se socorrem os jornaes que tem a triste coragem de defender a **ladroeira**, servem apenas para mostrar que **aquillo** não tem defeza. Quasi que seria melhor deixar correr o julgamento da opinião á revelia, como tantas vezes tem feito com outros crimes igualmente indefensaveis.

Uma parte do publico poderia suppôr que o arranjo sempre teria alguma rasão a seu favor; assim viu claro e evidentemente que foi um verdadeiro assalto aos cofres publicos, sem outro intuito senão o de augmentar a riqueza do grande syndicato.



O § 1.º do art. 1.º da lei de 28 de maio do anno passado, em que o ministro quer fundamentar-se para dar ao roubo uma certa apparencia de legalidade, nada tem com elle.

Esse paragrapho diz assim:

§ 1.º O governo poderá levantar quantias, até ao limite de 7.200:000\$000 de que carecer para as indemnisações, capital fixo e circulante, liquidações de contas de transição e mais pagamentos legaes a que for obrigado...

O que ha aqui que aproveite para o caso em questão? Contas de transição? Mas transição de quê? do regimen da liberdade dos tabacos para o da *regie*. Ora a divida tem já 56 annos. Vem do monopolio, através do regimen da liberdade para cair agora na *regie*. Como são pois de transição as contas, se não de comprehender dividas d'esta natureza?

O sr. Marianno está cançado. As grandes locubrações financeiras em que os syndicatos, seus consocios, o trazem constantemente envolvido, apagaram n'aquelle espirito a nitidez e o vigor do antigo batalhador da imprensa. Hoje é um reles boteiro, apanhado vergonhosamente por toda a gente quasi sempre com a *bocca na botija*. O que assombra não é a ineptia d'aquelle pantomimeiro, mostrando a toda a gente as cartas marcadas, com que foi **roubado o povo**, que vai ingenuamente em augmentar o monte com o fructo do seu trabalho honrado; o que assombra é o **cynismo** com que o ministro se ri da camara que não percebera no § da citada lei de 22 de maio, o escaninho onde ia alapardado o pretexto para o roubo dos 449 contos.

Isto é que assombra; porque isto deixa ver bem claramente o perigo em que estão os cofres publicos, cujas fechaduras podem ser abertas com tão reles gazuas.

Isto chegou onde podia chegar. D'aqui quasi que já senão pode passar.

O governo é apanhado em **flagrante delicto de subtracção** dos dinheiros publicos, na importancia por elle confessada, de 449 contos.

A imprensa aponta-lhe o attentado, como digno de severa punição.

O governo declara que se o praticara, estava por isso auctorisado pela lei de 22 de maio de 1888.

O paiz declara-lhe que não ha lei nenhuma que auctorise semelhante abuso.

E como se a administração publica fosse o *Colyseu*, o ministro desata de lá á gargalhada; apontando á opposição, n'uma pirueta do clown Cerra, o logar onde deveria estar a determinação da lei, se lá a tivessem posto.

E' espantoso pelo cynismo. Mas muito mais triste ainda pela certeza que o governo tem, de que pode affoitamente abalançar-se a quantos escandalos e attentados quizer, que o paiz não tem forças para reagir.

E se esta certeza senão distancia da verdade das coisas, ai de nós! que não estaremos longe de um triste desfecho!

Os que têm obrigação de vêr que abram bem os olhos. Os cofres publicos estão ameaçados de um saque enorme.

Desde que os syndicatos podem comprar antigas dividas, mais ou menos accitaveis, e ter nos conselhos da corôa ministros ladinos, que lhe ar-

ranjam subterfugios e escaninhos nas leis para receberem a sua importancia, ninguem pôde calcular até onde irá a rapina dos dinheiros do estado.

* * *

Se a chamada *divida mansa* tem 11:000 contos, que podem allegar contra o estado eguaes direitos e fundamentos;

Se não ha necessidade de leis especiaes para se pagarem; quem nos diz a nós que amanhã o **grande syndicato** não comprará aos interessados n'essa *divida* os creditos que elles julgam ter sobre o Estado, e cujo pagamento, ha 50 annos têm visto successivamente addiar?

Para nós não ha duvida nenhuma que ha mais **delapidações** na forja. Esta será a primeira ou segunda, ou terceira. E' uma do plano; mas ha mais.

Ha lá uma série de **operações bem combinadas** que não de ir successivamente apparecendo.

Uma d'ellas, como o paiz sabe, era a do **emprestimo de D. Miguel**, cujos titulos o syndicato comprou em Paris por bom dinheiro, e que hoje tem como valores de carteira em grande abundancia.

A *coisa*, como se vio esteve por um triz. O dinheiro para pagamento da enorme falcatura, chegou a estar filado á ordem d'uma auctoridade parisiense e na importancia de 5:000 contos! A' valentia com que a opposição atacou a **ladroeira** deve o paiz a salvação d'aquelle dinheiro.

Mas porque é que a defeza da opposição foi efficaz n'aquella questão?

Porque descobriu o plano do roubo antes d'elle effectuado.

A experiencia ensinou já á quadrilha, que a grande coisa é a operação **não respirar antes de concluida**. Depois de concluida... *assobiem-lhe ás botas*.

A opposição ha de esbravejar muito nos jornaes; o paiz ha de ficar assombrado; mas bolas de papel não matam; e o assombro do paiz é coisa para rir.

As côrtes addiaram-se: depois do addiamento a dissolução. Que mais é preciso para levar ao fim a conclusão da obra?

Francamente: não vemos meio nenhum de defender os cofres publicos.

Seis ladrões

Ao que estes **tunantes** do ministerio tem descido, seria mais que sufficiente para n'outro paiz aonde se prezasse a honestidade, elles entram n'uma cadeia para fazerem companhia aos **falsarios** e aos **ladrões**; mas desgraçadamente em Portugal os crimes dos ministros ficam **impunes**, os cofres publicos **vasios**, as instituições **sujas** e o **Rei coacto!**

O que a canalha ministerial tem praticado é tão repugnante, tão porco, que francamente nós não sabemos se o paiz estaria mais bem administrado pelos **ladrões**, que estão a cumprir a pena em que foram condemnados na **Penitenciaria**, se por essa **sucia de malandros** que **roubam** o paiz com mais desca-

ramento, do que os **gauderios** que a policia tem debaixo de vista, **roubam lenços, bolsas ou galinhas.**

O que se está passando com a **mariolada dos 449 contos de réis** é incrível, mostra bem á evidencia quanto foi culposa a protecção escandalosa d'este **immoralissimo governo**, que **assaltou** os conselhos da corôa com o mesmo arrojo com que os **celebres bandidos** do Pinhal d'Azambuja **assaltavam** os viajantes.

Antigamente ainda diziamos que o sr. *Mariano de Carvalho* e *Emygdio Navarro* eram dois **emeritos ladrões**; hoje não pômos duvida em declarar aos nossos leitores que o actual gabinete é uma **perfeita quadrilha**, que tem como **chefe o famigerado José Luciano de Castro.**

O paiz ficou **roubado em 449 contos de réis** e d'esta importancia foi distribuida pelos ministros a quantia de **réis 224:500\$000**, a titulo de luvas, pois que de outra fórma se não pôde entender a declaração do dr. *Guilherme José Machado* interessado em 21 quinhões da divida que o governo pagou, e da qual elle apenas recebeu 48 por cento do seu credito.

Ha um **syndicato** ou uma **quadrilha composta de ministros da corôa** que **roubam** os cofres publicos, que **roubam** os requerentes que **solicitam** o pagamento de dividas do Estado, que **roubam** o constituinte com **pezadissimos impostos** e que **falsificam a assignatura dos Reis de Portugal** em letras do valor superior a **800:000\$000 réis**, pois que de outra fórma se não pôde saber a procedencia de umas que appareceram ha bem poucos dias.

E depois de tanta **malandrice**, nós apenas perguntamos á policia se nos crimes commettidos pelos actuaes ministros não tem provas bastantes para os **remetter para juizo.**

A crise

Poucas palavras. Os liquidatarios dos 449 contos vieram á imprensa explicar o caso, e para defenderem o ministro da fazenda, emparelharam-n'o com o presidente do conselho, dizendo na carta que publicaram em varios jornaes, que o sr. José Luciano soubera de tudo, porque em tempo trataram com elle do assumpto em questão.

O sr. José Luciano, que alguns supõem ter andado de boa fé, como pobre *bacoco*, foi aos ares vendo para sempre compromettida uma certa reputação de que goza entre algumas pessoas.

Em continente decidiu pedir a demissão de todo o ministerio, suppondo que seria outra vez encarregado da organisação do novo gabinete, do qual excluiria o ministro das obras publicas e o da fazenda.

Este percebeu a tramoia, oppoz-se, e como espartalhão que é, fez crer ao presidente do conselho que se não aguentaria 8 dias em tal situação; que o melhor era irem andando mais alguns dias, e sahirem n'outra questão.

Esta deixava a todos, especialmente a elle, in-

famado de **ladrão**, porque era como ladrão que a opposição lhe pedia a cabeça.

Fazer-lhe a vontade era aceitar o facto, isto é, dar corpo á accusação, razão aos accusadores. O sr. José Luciano foi vencido como sempre. A ladroeira dos 449 contos nem os derrubou nem os desuniu. Em qualquer outro paiz, e mesmo cá, em qualquer outra época, estes homens ficariam manchados para toda a sua vida; n'estes tristes e dolorosos tempos... são ainda ministros.

A opposição não tem diante de si adversarios politicos, tem uma sucia que nos não pedem a vida, mas nos arrancam a bolsa, e que devem por isso ser tratados todos segundo a sua cathegoria.

Agricultores

Foi nomeado um picador ajudante da caudalaria do norte.

Vê-se que ha outro picador, que este vae ajudar.

Não é engraçado que nas caudalarias haja picadores, como se se tratasse de regimentos de cavallaria?

O fim é arranjar nichos.

O governo não põe difficuldades.

A maior parte das vezes a difficuldade é do nome que se hade dar ao emprego, Já foi annullado um decreto por não ser o nome capaz e ir talvez levantar escandalo!

Foram nomeados uns poucos de regentes florestaes de umas poucas de serras; foi nomeado um prefeito da escola pratica central de agricultura e até foi nomeado um **professor de instrucção primaria da caudalaria do norte!!**

Isto é unico. Tambem ensinarão os cavallos a ler, escrever e contar? E' isto que precisa a agricultura?

E' por este meio que o governo espera livrar o paiz da crise agricola? E' assim que se propõe proteger os lavradores?

A primeira coisa que o ministro das obras publicas que succeder a esta patuscada agricola tem a fazer, é o balanço de todas estas bugiarias, que custam ao paiz centenas de contos, e que lhe não deixarão nem um real de proveito, e depois... foice roçadoura: cortar tudo pelo pé e mandar tudo para o barril do lixo.

O Novo Santo Officio

Voltou á carga o **miseravel acanhado das «Novidades».**

Doia-lhe a consciencia por ver que não estava ainda sufficientemente diffamada a senhora, cuja formosura lhe dava nas vistas; mas que lhe não dera mais nada; isto é, que lhe não dera dinheiro para se calar.

As numerosas cartas que temos recebido, muitas até da provincia, felicitando-nos por termos atacado a vilania d'aquelle novo **tribunal da inquisição**, são uma pequena consolação, n'esta ardua tarefa da imprensa, que tantos dissabores traz ás vezes a quem quer principalmente apontar e stigmatizar os escandalos.

E poucos ha mais revoltantes.

Ha mezes levantou-se indignada a opinião publica contra o procedimento **inquisitorial** do bispo de Larissa, por incumbir ao clero parochial da sua diocese a devassa sobre a vida e costumes dos seus parochianos.

Os clamores da imprensa foram geraes. O reverendo viu-se obrigado a justificar como poude aquella revoltante determinação, que as auctoridades competentes chegaram a extranhar-lhe com razão.

Aos Larissas da nova inquisição ninguem censurou coisa nenhuma. O odioso tribunal lá está armado na redacção das *Novidades*. Os esbirros estão promptos á primeira voz. Como hyenas, nem os proprios cadaveres se importarão desenterrar, com tanto que o crime faça *réclame* á indecorosa industria.

E' esta a missão da imprensa? E' esta doutrina que lhe cumpre evangelisar? E' para isto que a sua propaganda fez calar a voz do pulpito?

Querem saber como se defendem estes Larissas? Oçam a justificação das suas abominações, que trazem em perigo o socego e a honra das familias, a quem se querem impôr pelo terror.

A sua *reportage* auxiliará a policia!

O' Larissas immundos, pois não tendes meio de fazer chegar á policia a noticia dos peccados que encontrastes nas victimas da vossa perseguição inquisitorial, senão expondo-os no pelourinho d'essa infame publicidade? Que fina educação! que nobreza de sentimentos! que almas tão bem formadas!

Move-vos o puro e santo amor do castigo para o crime? Pois ide ter com os commissarios de policia: mostrae lá as vossas prendas de mastim experimentado; farejae com elles o rumo do criminoso e por ventura podereis prestar ás justizas serviço reconhecido.

Mas isto não tem escandalo; isto não é **inquisição**; isto está longe do negro tribunal, cujas funcções tanto vos deleitam. Porque é preciso saber que n'esta sociedade desequilibrada, estão apparecendo outra vez os erros, os vicios e os crimes que a civilisação julgava ter sepultado no pó de todas as abominações. A forma é diferente, mas o fundo é o mesmo.

A velha inquisição queimava os corpos, a nova queima principalmente as almas.

Ponhamol-a ante a indignação publica, que é a unica defeza da sociedade.

Outra conversão á porta fechada

Está annunciada nova conversão do resto das obrigações de 5 0/0 da divida publica amortisavel. Como a conversão das obrigações do emprestimo de 1881, esta foi feita tambem á porta fechada. E' de crer portanto que a **falcatrúa** de que o paiz terá sido outra vez paciente victima, esteja na proporção da primeira, que serviu apenas para metter na algibeira dos contractadores, o melhor de **mil contos de réis**. A operação agora é quatro ou cinco vezes maior, porque o algarrismo sobre que os syndicatos operaram é de 37 mil e quinhentos contos!

Vejam o que aqui haverá.

E' preciso saber que a economia, se a houvesse, era de 180 contos. 180 contos tirados aos portadores dos titulos, que são, na sua grandissima maioria, cidadãos portuguezes.

A' custa de que sacrificios do estado foi esta importancia arrancada aos rendimentos dos nossos concidadãos? E' indispensavel sabel-o. Temos a certeza que o fim da operação foi encher as **algibeiras dos syndicatos**. Temos a certeza de que o estado não lucra nem um real; temos a certeza que a despeza continua na mesma senão maior; que houve apenas o proposito de offerecer um **negociarrão** ás parcerias que os ministros dirigem, e de distribuir pelo **syndicato bancario** europeu o premio da especulação, que tem feito subir os fundos portuguezes.

A subida de fundos, no estado desgraçado em que se encontram as pobres finanças portuguezas, não tem outra explicação. Ninguem, a não ser chapado idiota, pode convencer-se de que ella seja seria, e indicativa de riqueza e prosperidade do estado.

Quem lê alguma coisa do que vae lá por fóra, sabe que ha na Europa um **grande syndicato bancario**, cuja especulação faz subir ou descer os valores sobre que opera, consoante os seus ganhos.

Faz subir ou descer o trigo; faz subir ou descer o café, faz subir ou descer o cobre, o assucar, os fundos das nações, tudo emfim com que especula.

E' questão de pura ganancia.

A subida dos fundos portuguezes preparará a **conversão**: a conversão far-lhe-ha entrar nas burras centenas de contos.

Eis a chave do segredo.

E' preciso deitar abaixo a lenda da subida dos fundos, como caracteristico de boa administração. Pode significar exactamente o contrario.

Quando a subida é a repercussão do desenvolvimento da riqueza publica, e a compartilhação do crescimento de todos os valores, pode considerar-se um barometro da administração do estado.

As acções das companhias sobem á proporção que sobem os seus rendimentos. Mas quantas vezes é artificial a subida? Quantas vezes as acções sobem e os rendimentos ou a prosperidade desce?

Que o digam entre nós as acções de minas e varias outras alicantinas.

O que succede em ponto *pequeno* com estas, pode succeder e tem effectivamente succedido em grande com os fundos das nações.

As cotações altas, que significam um conluio, longe de ser um beneficio, são antes uma verdadeira calamidade. Em cessando as causas artificiaes que as provocavam, a triste realidade das **conversões** vem ensinar aos povos, que tudo aquillo foi simples armadilha, foi apenas um pretexto para augmentar as riquezas colossaes dos syndicatos, ou das quadrilhas que tem a pelle do povo como campo da sua exploração.